

Uma luta de todos

POR LETÍCIA MOUHAMAD*
E CAROLINA MARCUSSE*

Reconhecer a própria sexualidade ou gênero ainda é um desafio em uma sociedade hostil ao que costuma fugir do padrão. E as tentativas de podar, não só demonstrações de amor como a existência de integrantes da comunidade LGBTQIA+, estão comprovadas em dados: ao menos cinco pessoas foram vítimas de homicídio no país a cada semana em 2021, segundo o Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQIA+. Muitas vezes, tal violência manifesta-se dentro de casa, ambiente de onde se espera maior proteção; daí a importância das redes de apoio que surgem ora dos grupos de amigos, ora de projetos e instituições.

Mas, afinal, como romper a reprodução de preconceitos que atravessam gerações e educar crianças confiantes e conscientes de seu papel social? As mudanças são urgentes, visto que até pouco tempo — apenas 32 anos — a homossexualidade ainda era classificada como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Durante junho, celebra-se o Mês do Orgulho LGBTQIA+, em alusão à Revolta de Stonewall, resposta do grupo à intolerância praticada por policiais, ocorrida em 28 de junho de 1969, nos Estados Unidos. Pensando nisso, a *Revista* conversou com especialistas e famílias que, além de acolherem os filhos, engajam-se na luta contra a homofobia e são exemplos de empatia e respeito.

*Estagiárias sob a supervisão de Sibele Negromonte

Arquivo pessoal



Azra Blum com os pais, Adiane Martins e Avram Blum: apoio incondicional da família

“Ser você mesmo nunca deve ser motivo para pedir desculpas”

Crescer em uma família aberta a outras culturas e marcada por constantes mudanças de endereço — com pai americano e mãe brasileira — fez com que o estudante Azra Blum, 18 anos, despertasse desde cedo curiosidade sobre tudo, todos e si mesmo, sentindo-se confortável para, aos 12 anos, expressar sua identidade e sexualidade para os pais. Hoje, reconhece-se como homem transsexual e bissexual, constatação que, ainda nos primeiros sinais, não lhe causou espanto.

Recorda-se, por exemplo, de, na infância, ser menos “afeminado” que outras meninas e ter interesse por brincadeiras comumente associadas ao masculino. “Claro que essas características não podem determinar o gênero de alguém, mas, para mim, foi um tipo de ‘sinal’”, revela.

Inicialmente, reconheceu-se como bi, depois como não binário e, em seguida, como homem trans. Não houve sentimento de vergonha ou culpa. “Eu sou isso mesmo, nada de mais.”

Parte dessa segurança se deu pela reação positiva da família, em especial do pai, que a todo momento o acolheu. Com a mãe, o processo foi intrincado e permeado por resistência que, gradativamente, deu lugar a colo e compreensão, tornando-a uma das suas maiores apoiadoras e motivo de orgulho, em vista dessa transformação, para o filho.

Azra considera-se privilegiado por não ter sofrido tão intensamente situações de intolerância na escola — ambiente muitas vezes desafiador para crianças e adolescentes LGBTQIA+. Em alguns momentos, presenciou o que chama de ignorância por parte dos colegas, que teciam comentários, o